



## Homenagem ao mestre feiticeiro

Marcelo Bolshaw Gomes

A primeira vez que ouvi falar de Alejandro Jodorowsky foi lendo *O Incal*. Nos anos 80, no Rio de Janeiro, meu amigo Mario Marcio Rocha tinha a coleção da revista *Heavy Metal* e eu havia lido *O Homem é Bom?*, de Jean Giraud (Moebius). Então, quan-

---

Marcelo Bolshaw Gomes. Professor do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia da UFRN.

do vi seu nome e seu desenho inconfundível em *O Incal*, devorei a história assim que pude<sup>1</sup>.

Em um futuro imaginário, o detetive particular John Difooll faz uma jornada espiritual do herói (certamente inspirada em Joseph Campbell) para defender o Incal, um cristal com o poder da luz, de vários antagonistas concorrentes e dos antagonistas sistêmicos, detentores do Incal das trevas. A narrativa iniciática do protagonista, com elementos mitológicos, está colocada em um contexto de ficção científica em que a consciência luta contra o mecânico, mas com referências políticas, econômicas e sociais da cultura pop. Ao longo do tempo, outras histórias são criadas dentro do mesmo universo narrativo de ficção científica psicodélica, o jodoverse, com elementos simbólicos em comum, como os Metabarões e os Tecnopadres.

Dez anos depois, em Natal, a amiga Milena Azevedo me deu os arquivos digitais dos filmes *El Topo* (1970)<sup>2</sup> e *Montanha Sagrada* (1973)<sup>3</sup>, comparando a linguagem de Jodorowsky à de Glauber Rocha. *El Topo* é um western surrealista, com cenas bizarras de sexo e mutilação para criticar comportamentos religiosos, retoma o modelo da jornada espiritual do herói, agora com um cowboy como protagonista, vencendo vários inimigos em seu percurso mítico. O filme foi elogiado por John Lennon e George

---

1. Publicado originalmente em dezembro de 1980 na revista *Métal Hurlant* e seus seis álbuns foram publicados entre 1981 e 1988 pela *Les Humanoïdes Associés* com o título *Uma Aventura de John Difooll*. Em 1998, a série mudou de nome para *O Incal*. No Brasil, foi publicada no ano de 2012 de duas formas distintas, pela editora Devir. Em 2021 a série foi relançada (acrescida por novas histórias que Jodorowsky fez com outros desenhistas) pela editora Pipoca e Nanquim com o nome *Todo Incal*.

2. [https://youtu.be/\\_CdRdeivbEM](https://youtu.be/_CdRdeivbEM)

3. <https://youtu.be/YG-LT8otzvU>

Harrison, fato que abriu as portas para o financiamento da *Montanha Mágica*.

Achei os filmes herméticos, prolixos, cansativos – ou seja: não entendi nada. E fiquei com vergonha de não entender, me senti humilhado culturalmente. Como não podia conviver com esses sentimentos, então, procurei me informar melhor e acabei encantado com as explicações críticas do próprio autor sobre seu trabalho. Percebi também que meus sentimentos eram comuns a outros e foi um dos motivos de seus fracassos.

Na sinopse da *Montanha Sagrada* descobri que se tratava dos “nove dos mais poderosos industriais e políticos do planeta desejam obter a imortalidade. Um Alquimista (interpretado por Jodorowsky) lhes fala da *Montanha Sagrada* e da busca pela imortalidade”. Jodorowsky acrescenta: “Esse filme é minha própria busca por iluminação”.

Então, munido dessas informações, assisti novamente aos filmes e (acho) que os entendi. De certa forma, os filmes aprofundam a estrutura narrativa (da jornada heroica) de *O Incal*, deslocando o contexto cenográfico da ficção científica para o faroeste e para o misticismo.

Mas, continuava desconfortável a experiência de um cinema que tinha que ser explicado para ser entendido. Por vezes, pensei que era uma confusão entre metáforas e símbolos, que Jodorowsky fazia um cinema de metáforas pensando que fazia um cinema simbólico. Em outras ocasiões, imaginei que sua concepção de cinema era muito elitista e se aproximava de um teatro filmado, de um ritual ético/político e estético/psicológico, acessível apenas a alguns. A verdade é que muita gente se sentia

mal como eu e que Jodorowsky não era uma unanimidade: havia quem achasse que ele era um gênio e havia quem pensasse que era apenas um artista confuso.

Só compreendi a grandeza e a importância de Alejandro como artista multimídia e pensador quando vi *Jodorowsky's Dune* (2013)<sup>4</sup>.

*Dune de Jodorowsky* é um documentário americano de 2013 dirigido por Frank Pavich. O filme conta a tentativa frustrada do diretor chileno Alejandro Jodorowsky de adaptar, para o cinema em meados dos anos 1970, o romance de ficção científica *Dune*, de Frank Herbert, escrito em 1965<sup>5</sup>.

O filme é uma lição de vida. Além de ser a história do mais fantástico filme nunca realizado (pelo menos, por enquanto), com impacto na história do cinema e da ficção científica, mostra a relação de aprendizagem existencial do criador com sua criação.

Em seguida, descobri “a psicomagia e sua proposta audiovisual”<sup>6</sup> de cura através da arte (2019). Jodorowsky se contrapoe

---

4. <https://youtu.be/AfJi2sfduqk>

5. Jodorowsky queria que seu filme fosse como uma viagem de ácido lisérgico, que fosse uma experiência estética capaz de mudar o comportamento das pessoas. Concepção visual e storyboard de Moebius; trilha sonora do Pink Floyd (*Dark side of the moon*); artistas HR Giger, Chris Foss e Jean Giraud para set e para o projeto; Dan O'Bannon para efeitos especiais; e Salvador Dalí, Orson Welles, Gloria Swanson, David Carradine, Mick Jagger, Amanda Lear, e outros para o elenco. Jodorowsky treinou seu próprio filho em artes marciais e esgrima. O filme nunca foi feito por falta de visão dos estúdios de Hollywood. Mas, a influência do trabalho de Jodorowsky/Moebius (a concepção visual, os figurinos, as naves, alguns efeitos especiais) é evidente em vários filmes de ficção científica que se seguiram, como *Star Wars*. Em 1982, no entanto, os direitos do filme foram comprados pelo cineasta italiano Dino De Laurentiis, que acabou lançando o filme *Dune* em 1984, dirigido por David Lynch – que foi um grande fracasso de crítica e público. Apesar de tudo, Jodorowsky não guarda mágoas, conta a história de sua vida com uma paixão e uma compreensão generosas. E, no final do documentário *Dune de Jodorowsky*, o cineasta convida cineastas e desenhistas, com a ajuda dos computadores, a realizarem seu sonho: a produção do storyboard de Moebius. O que esperamos que aconteça em breve.

6. <https://youtu.be/vU3d6FBCq9w>

à cartase verbal psicanalítica, racional e bem comportada, que não favorece transformações orgânicas. Para ele a cartase libertadora é a artística, expressiva, corporal, encenada com a força simbólica necessária para despertar os sentimentos reprimidos dos traumas do passado. Ele também acredita na reconstrução teatral psicomágica das narrativas de vida. Devemos recontar a história de nossas vidas - “como na recapitulação de Carlos Casteneda”<sup>7</sup> e do xamanismo tolteca.

Jodorowsky é um xamã pós-moderno! Por onde passa, ele trabalha com pessoas, dramatizando suas vidas em narrativas; fazendo grupos e oficinas sobre temas simbólicos; desencadeando mudanças de todos os tipos.

Será que Jodorowsky deseja curar as pessoas com seus filmes?<sup>8</sup> Talvez em seus primeiros filmes, ele tenha tipo a pretensão de curar através do cinema, mas depois do episódio de *Duna*, seus filmes ficaram mais pessoais e terapeuticamente autoficcionais, com reinvenções explícitas de sua própria história.

Nas cineautobiografias *A dança da realidade* (2013)<sup>9</sup> e *Poesia sem fim* (2016)<sup>10</sup>, o diretor Alejandro Jodorowsky rememora e reimagina seu passado, recontando sua história com intervenções, curando a si mesmo “metageneologicamente”, superando a “ori-

---

7. Entrevista ao jornalista Fernando Sanchez Dragó. Primeira parte <<https://youtu.be/Sm8xAlFF18c>> e segunda parte <<https://youtu.be/bZt4v4UIdvo>>.

8. A monografia *Cinema como instrumento de psicomagia – a cura do espectador*, de Eric Mendonça Carraro (2017) faz um resumo destes textos <<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/2275>>.

9. <https://www.filmesdetv.com/la-danza-de-la-realidad.html>

10. <https://www.filmin.pt/filme/poesia-sem-fim>

gem de seus problemas pessoais e coletivos através da arte”. Ele continua o mesmo, mas agora é o protagonista de suas histórias<sup>11</sup>.

Por tudo, passei a me identificar profundamente com o cineasta-xamã e a entender sua contribuição decisiva para o entrecruzamento entre arte, terapia e pensamento.

Porém, na minha perspectiva, a sua maior contribuição para posteridade (e também o ponto em que nossa afinidade se torna mais profunda) é seu livro *O Caminho do Tarot* (2016)<sup>12</sup>, escrito com Marianne Costa. Na verdade, toda criatividade arquetípica de personagens, ações e situações; todo trabalho narrativo (seja nos quadrinhos, no cinema, no teatro, na terapia e na literatura) de Jodorowsky é baseado nos arcanos do tarô.

Na conclusão do livro, o velho xamã faz uma espécie de *testamento tarológico*<sup>13</sup>, em que justifica toda sua ética em relação ao outro e ao mundo - a partir da perspectiva de um jogador frente ao seu consulente.

Hoje, vendo seu trabalho em panorâmica, vejo uma parte de mim mesmo em desenvolvimento paralelo. História em quadri-nhos, cinema, tarô. Não havia ainda a internet, mas eu já compartilhava pela alma meus interesses com este mestre feiticeiro. Imagino que não seja o único e que sua herança ainda esteja para ser vislumbrada como um todo no futuro. A extensão de sua presença só será compreendida através da finitude de sua ausência.

---

11. Em agosto de 2019, tive a honra de ser convidado como avaliador da banca de mestrado (em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba de Agamenon Porfírio de Lima Filho) que defendeu a dissertação: *Escritas de Si e fabulação da memória no cinema autobiográfico de Alejandro Jodorowsky* (2020).

12. <https://www.amazon.com.br/Caminho-do-Tarot-Jodorowsky-Alejandro/dp/8563137743>

13. <https://mbolshaw.blogspot.com/2021/05/taro-jodorowsky.html>